

O SAMURAI E O CANGACEIRO

Argumento Cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

O japonês Toshiro Koyashi chegou ao Brasil, com 28 anos de idade, por volta de março de 1934, vindo de Yamagata, no norte do Japão.

Descendente de velha família nãpônica, um de seus ancestrais, o samurai Keyto Koyashi, entrou na mitologia oriental por sua extraordinária bravura e perícia guerreira.

Toshiro veio ao Brasil a chamado de um velho tio, Massao Koyashi, proprietário de uma fazenda no interior da Bahia. Ficando viúvo, sem descendência e dono de boa porção de terra na região de Poções e da Serra Geral, a 12 quilômetros da localidade de Boa Nova, Massao Koyashi lembrou-se do sobrinho, filho de seu irmão Namura, que havia falecido alguns anos antes, deixando sem recursos a viúva, Nyeta, e o filho único, Toshiro, obrigado a trabalhar numa granja agrícola, perto de Yamagata.

Massao escreveu longa carta ao sobrinho, fazendo elogios ao Brasil e à Fazenda "Boa Nova" para, no final, convidá-lo a vir morar na Bahia, trazendo a mãe e a noiva, se ainda estivesse pensando em casar-se com Akita, a namorada de infância. Vindo residir na fazenda, ajudando-o no cultivo da terra, teria garantida a herança de todos os bens e propriedades que acumulara em quase 40 anos de trabalhosa vida no Brasil.

Junto à carta, provando confiar numa decisão favorável, Massao remeteu ao sobrinho dinheiro suficiente para a longa viagem ao continente sul-americano.

Toshiro Koyashi consultou a mãe e a noiva, quase uma menina, com seus 18 anos incompletos. A mudança foi decidida e o casamento de Toshiro e Akita celebrado com simplicidade.

Dias mais tarde, com uma bagagem que incluía roupas, lembranças de família e uma velha canastra, decorada com incrustações de marfim e madrepérola, tratada com cuidados especiais por Toshiro, os três habitantes de Yamagata embarcaram num velho navio cargueiro, comandado por um parente afastado.

...

Após longa viagem, quase ao redor do mundo, os três chegam, numa manhã chuvosa, ao porto de Salvador de onde, via terrestre, alcançam Boa Nova e, pela estradinha de terra, a "Fazenda do Japonês", como é mais conhecida de todos.

É profunda a alegria do velho Massao quando vê chegar, diante da casa grande, a exausta família do Japão.

Ninguém percebe, naquele dia, a secreta perturbação que, durante alguns segundos, turva de melancolia o rosto envelhecido do fazendeiro, quando beija Akita, fixando nela sua cansada vista, curvando-se com a tradicional mesura da gente do Japão.

Toshiro vai ajudar a descer a bagagem, conduzindo para dentro, ele próprio, a velha canastra japonesa. Quando Massao pergunta o que contém, limita-se a responder, sem maiores detalhes: "São relíquias de família".

Depois Massao mostra aos recém-chegados o interior da fazenda, onde se percebe, de mistura com objetos, móveis e utensílios da vida brasileira, a lembrança da pátria japonesa, com sua atmosfera diluída pelo tempo e a distância.

Antes que se retirem para os quartos, depois do jantar, o velho Massao vai buscar uma boneca japonesa, que dá de presente à encantada esposa de Toshiro, esclarecendo, comovido, que "era a preferida de Manyra".

Mais tarde, na intimidade do quarto, o velho fazendeiro vai olhar, demoradamente, a fotografia amarelecida da esposa, falecida anos atrás. Trajando o vestido nupcial, ela tem extraordinária semelhança com Akita: o mesmo rosto, puro e pensativo, a expressão infantil e delicada, a feminilidade cheia de recato e timidez.

Enquanto Massao contempla, em nostálgico silêncio,

o velho retrato, Akita, num cômodo que dá para o jardim, penteia os cabelos, preparando-se para dormir.

Massao, enquanto isso, afasta-se do retrato, caminha alguns passos no quarto, abre uma porta, ganha a varanda, vai sentar-se na cadeira de palhinha, onde fica escutando a noite profunda do sertão, mergulhado em sua saudade.

...

No dia seguinte, em seguida ao café da manhã, Massao Koyashi reúne diante da fazenda seus empregados, entre os quais se encontra o capataz Silvino Meireles, baiano forte, a pele curtida, o chapelão à cabeça, calado e enigmático.

Massao chega do interior da casa trazendo os recém-chegados. Akita, desejando prestigiar a cerimônia singela, veste o mais belo e vistoso traje tradicional das mulheres de Japão, cheio de cores, surpreendente e exótico.

A aparição da bela japonesinha, com sua inesperada indumentária, provoca forte impressão naqueles homens rudes. Silvino Meireles, mais do que os outros, parece deslumbrado diante dela. Fixa na moça um olhar mesclado de surpresa e fascinação.

Massao faz as apresentações, falando o português carregado de sempre. Um a um, os empregados sobem os degraus do alpendre, vão apertar, respeitosamente, a mão dos novos moradores.

Quando Silvino chega perto da família, o chapéu à mão, encabulado, é anunciado com mais deferência pelo fazendeiro, que o apresenta como "meu braço direito".

O capataz, ao chegar diante de Akita, visivelmente desajeitado, deixa cair o chapéu. A moça, para conter o riso, faz-lhe pequena mesura, divertida com a situação.

Depois das apresentações, a vida volta à normalidade, cada ^{um} partindo para o trabalho de rotina. Massao manda buscar dois cavalos e vai mostrar ao sobrinho a propriedade, enquanto Akita e a sogra saem a visitar o jardim, a horta e o pomar.

Mais ao longe, ajudando na lavoura, Silvino acompanha o leve caminhar da japonesinha, avançando com seus passos curtos e

pontilhando de cores, com sua roupa, a paisagem nordestina.

O sertanejo semeia, mas sua intranquila atenção fixa-se naquela delicada silhueta que caminha sob o forte sol do sertão, presença insólita na terra e, agora, insinuando-se com força em sua simplória vida sentimental. Pensando naquela imagem de requinte e exotismo, Silvino Meireles abre um sulco na terra e nela deixa cair, amorosamente, uma semente.

...

Aos poucos, com o passar dos dias, os recém-chegados se vão ambientando na nova vida. Aprendem a língua da nova pátria, conhecem seus hábitos, adaptam-se à terra, para a qual Toshio traz a contribuição de sua experiência.

Ninguém percebe, naquela convivência de respeito e delicadeza, a profunda e crescente influência que Akita vai provocando no velho Massao.

A transformação sutil do velho fazendeiro será gradativamente revelada ao espectador, através de detalhes expressivos, sem diálogos que a enfatizem. No "découpage" serão inseridos alguns planos próximos que servirão para situar a direção do olhar do fazendeiro, ora fixando-se em Akita, distraída numa ocupação, ora nela e em Toshio, entregues à sua amorosa ternura.

A câmara, penetrando aos poucos no segredo de Massao, desvendará ao público o drama íntimo que vai germinando em sua alma, enquanto Akita, alheia à paixão senil que inspira, transita por aqueles espaços como um símbolo de beleza e juventude.

Contemplando aquela figura fresca e suave, tantas vezes reclinada no ombro do marido, o velho Massao é a imagem contrastante da decadência e do ocaso.

Do vulto de Akita, entregue à sua tranquila felicidade, a câmara se transfere para o rosto envelhecido de Massao, aflito e riscado de rugas. Tudo em seu quarto recorda o passado: as cortinas descoloridas, os móveis, as roupas e objetos que foram de Manyra, guardados carinhosamente, o odor discreto de coisas velhas, a atmosfera nostálgica dos dias vividos.

Ferindo com mais força a memória do fazendeiro, o retrato sobre a cômoda parece movimentar-se a seus olhos. Neles, no entanto, é o suave rosto de Akita que se move. Ela agora, carnal, palpitante, é fixada pela câmara já no leito, recostada em Toshio, que afaga amorosamente seus cabelos.

A câmara, em seguida, recua, deixa o quarto, vai desvendar a paisagem noturna. Ao fundo, perto de um bosque, percebe-se a luz da casinha de Silvino Meireles. Aproximando-se mais, a objetiva vai mostrar o capataz à janela, observando a casa grande. Diferente de Massao Koyashi, o olhar do sertanejo é rude, intenso, quase agressivo.

Dentro e fora da fazenda, Akita é a inspiradora indefesa de sentimentos antagônicos. Enquanto Massao Koyashi suporta, em silêncio, a inutilidade de um amor nascido das cinzas, Silvino Meireles, ao contrário, deixa acender em seus sentidos um desejo forte, que emerge de uma sensualidade racial e primitiva.

Vindo do passado para o presente, como uma esperança estéril, o amor de Massao é vago e sem futuro. O de Silvino, contudo, é pujante e vital, partindo do presente para um destino imprevisível, mas ameaçador.

Agora os vemos, em seu calado mistério, os heróis de nossa história, aproximados na terra brasileira. A grande noite sertaneja os enfeixa com sua eterna palpação de vida, em seu segredo profundo.

...

No dia seguinte, pela manhã, Akita Koyashi sai a passeio, montada num cavalo que Massao lhe destinara. Mais adiante, no caminho que leva à pastagem, vem Silvino, também montado. Os dois se cruzam: Silvino leva o dedo à aba do chapéu, fixa na moça um olhar determinado e viril. Akita também o saúda, com ligeiro gesto, abaixando os olhos, intimidada. Os dois se afastam, seguindo caminhos distintos.

Horas mais tarde, com a fazenda entregue à sua rotina de todo dia, Akita distrai-se na horta. Veste um traje leve, dei-

xando ver o colo alvo, os braços delicados. Seus cabelos estão soltos, seu rosto queima-se ao sol.

Ela não percebe a aproximação de Silvino. Ainda montado no cavalo, o capataz avistara, de longe, a silhueta da moça, trabalhando a terra. Vem ao seu encontro, fustigando o animal.

Akita começa, então, a ouvir as patas do cavalo, ferindo o chão. Volta-se lentamente e vê, no alto, a figura dominadora do baiano, os olhos revelando fascínio e desejo. Akita estremece, deixa cair a enxada, afasta-se alguns metros, confusa, assustada.

Nesse exato momento, surgindo à porta dos fundos, Toshiro Koyashi presencia a cena, percebe tudo.

Akita vai ao seu encontro, enquanto Silvino esporeia o cavalo e parte a galope.

...

Algum tempo mais tarde a tragédia vem instalar-se na fazenda, mudando o rumo de nossa história e o destino de seus personagens.

Certa noite, no grande silêncio do sertão, Massao Koyashi celebra no interior de seu quarto estranho cerimonial. Veste um traje especial, solene e sacerdotal, com túnicas e faixas. Prende os cabelos, formando o rabicho tradicional dos samurais. Depois retira de um armário a imagem do Deus japonês, que ele coloca sobre um móvel. E ali faz longas invocações, prostrando-se no chão, como os religiosos que se ordenam.

Depois, com o mudo testemunho dos pássaros e animais, faz um derradeiro passeio pela fazenda. Olha carinhosamente tudo, bichos, árvores e flores, contempla demoradamente o florido pé de crisântemo, plantado por sua mulher. Arranca uma flor e, com ela, regressa ao interior da casa, fechando-se em seu quarto de dormir.

Coloca o crisântemo diante do retrato de Manyra, que ele fica olhando, como numa despedida. Depois, a derradeira providência: vai apanhar a velha moringa de água, enche um copo, abre um armário e, de seu interior, traz um frasco com um líquido escuro, que despeja no copo. E sorve toda a água, lentamente.

Massao Koyashi, em seguida, encaminha-se para o leito, retira os chinelos, deita-se sob as cobertas. E espera.

...

No dia seguinte, Toshiro, Akita e Nyeta aguardam na copa a chegada do fazendeiro, a mesa posta, com o café da manhã.

Preocupado com a demora do tio, madrugador inveterado, Toshiro vai bater à sua porta. Nenhuma resposta. Torna a chamar. Depois, prevendo a tragédia, força a porta, entra no quarto. Aproxima-se da cama, onde encontra o cadáver.

A notícia circula, instantânea, chega à cidade. Vêm à fazenda amigos do fazendeiro, entre os quais o velho tabelião Isidoro Neves. A perícia conclui pelo suicídio, o enterro é realizado.

Dias depois, aberto o testamento, que Massao confiara ao tabelião pouco antes de matar-se, nelé consta a última vontade: ser sepultado junto à esposa, no pequeno cemitério de Boa Nova. Todos os bens transmitem-se ao sobrinho, a quem Massao pede perdão pela morte voluntária, explicando concisamente que a vida, na velhice, só lhe trazia amargura e remorso.

Durante algum tempo a fazenda fica paralizada pela tristeza. Depois, aos poucos, sob a nova direção de Toshiro, recomeça a viver.

Certa manhã o novo proprietário manda chamar Silvino Meireles e, sem maiores explicações, o despede, friamente, pagando-lhe três salários e autorizando-o a partir com o cavalo de sua estimação.

Silvino, sombrio, devolve parte do dinheiro, diz que compra o cavalo, que não lhe pertence. Depois vai buscar suas coisas, monta e deixa a fazenda, despedindo-se dos antigos companheiros com um leve gesto no chapéu. Antes de afastar-se, ainda vê, à janela da fazenda, o vulto de Akita, que êle saúda, com gesto quase imperceptível. E desaparece, no caminho tortuoso.

Toshiro escolhe Sebastião Rufino, homem de cor e antigo empregado do tio, para novo capataz. Anuncia melhoramentos para a propriedade, que também se ocupará da criação de aves e gado.

Enquanto isso, em montagem alternada da ação, pode-se ver Silvino Meireles que, por vários caminhos do sertão, viaja na direção da capital, onde tem parentes.

Quando se aproxima de Jequié, o ex-capataz, inesperadamente, é cercado por um destacamento policial e preso, sem explicação.

Levado à delegacia de Jequié, lá é inquirido com violência sobre o destino de Aparício Meireles, seu irmão, foragido da justiça e chefiando um bando de cangaceiros.

Silvino responde que nada sabe do irmão, que não vê há muitos anos, que está vindo da Fazenda da Boa Nova, de "seu" Masao Koyashi, onde trabalhou quase dez anos. O delegado truculento não lhe dá crédito, mete-o no xadrês, onde fica curtindo um ódio impotente.

...

A "Boa Nova" moderniza-se e progride. Um trator, comprado por Toshio, prepara a terra para novos cultivos, enquanto parte da propriedade é escolhida para a pastagem de gado leiteiro. O japonês também inicia a criação de aves, a venda de ovos. Um paiol novo e três currais, além de melhorias e nova pintura na casa, trazem um aspecto mais próspero à velha fazenda.

Enquanto isso, em Jequié, grave acontecimento tumultua a vida da cidade. Certa noite, com violência inesperada, o bando de Aparício Meireles irrompe pelas ruas, vai à cadeia pública de onde, após baleiar alguns policiais, liberta o ex-capataz. O bando escapa, fura o sertão, vai esconder-se em lugar seguro.

Silvino Meireles, a partir desse dia, integra-se no bando, afunda-se nas caatingas.

Tempos depois, em batalha contra os "macacos", Aparício é ferido gravemente. Assim mesmo Silvino consegue fugir com o irmão e, com os remanescentes do bando, vai para o esconderijo, onde o chefe cangaceiro morre.

Silvino assume a chefia e, com seus homens, se mete nas distâncias do sertão. Recruta mais gente, remunera o bando, ao

qual impõe disciplina de ferro. Depois de algum tempo, seu nome é quase esquecido. A perseguição policial se atenua, enquanto outros bandos devastam o sertão, criam uma legenda de sangue e violência.

Na Fazenda "Boa Nova", por sua vez, a vida prossegue pacífica, dinamizada agora pelo sangue novo que lhe imprime Toshiro Koyashi. O gado espalha-se pelo campo, aumenta a criação de aves, as plantações vicejam. O tempo escoia, enquanto se perde no passado a memória trágica de Massao Koyashi, redivivo agora no esforço do sobrinho e de sua bela mulher.

Nada pressagia, no ciclo das estações e no florescer dos campos, o novo e fundamental acontecimento de nossa história. Ele, na verdade, eclode com impacto, vai ocupar o terço final da narrativa, movimentando-a intensamente.

...

Léguas adiante de Boa Nova, o bando de Silvino Meireles volta a agir, com movimentos vigorosos e fulminantes, deixando um rastro de sangue onde aparece.

Os homens que o ex-capataz agora lidera, treinados em lutas de grande mobilidade, irrompem inesperadamente em fazendas e pequenas cidades, "distribuindo a riqueza dos ladrões, fazendo justiça e punindo os poderosos", como o chefe cangaceiro gosta de proclamar ao povo, que reúne em praça pública, após a vitória.

Na "Fazenda do Japonês", no entanto, pouco repercutem as façanhas do ex-capataz. Fala-se, à boca pequena, que Silvino se metera no crime, virara um "fora-de-lei".

Certa manhã, acompanhado por Sebastião Rufino, Toshiro parte em viagem de negócios. Em sua ausência, e na do capataz, é Pedro da Graça, o mais velho empregado, quem assume a chefia da fazenda. É homem de confiança, casado com Nhá Chica, a cozinheira da casa, mulher forte e leal.

A fazenda continua, normalmente, a vida de cada dia. D. Nyeta e Akita tratam da casa, cuidam da horta, das chocadeiras.

Perto da ^(na entanto) casa, escondido num capão, o bando de Silvino espreita o movimento da fazenda, espera a hora de investir.

Ela surge quando o espaço mais próximo à sede fica mais deserto. O bando, em tropel inopinado, avança na direção da casa grande, aos gritos, abatendo os que tentam resistir. O pânico se generaliza. Paralizada, a princípio, pela estupefação, D. Nyeta compreende tudo, vai refugiar-se na casa, tranca-se com Akita num quarto.

Silvino chega diante da casa, desmonta e, de um salto, invade a sala, encontra a porta fechada e, de um só golpe, arromba-a sem dificuldade, vai ao encontro da japonesinha, imobilizada pelo susto.

É quando a velha, ~~empunhando~~^{com} um punhal, avança na direção do ex-capataz, que lhe dá as costas. Nesse exato momento, surge à porta um dos homens do bando. Vendo o gesto de Nyeta, saca da arma e, com tiro certeiro, a abate.

Akita desfalece, aterrorizada. Silvino toma-a nos braços, sai com ela, na direção da varanda.

Do lado de fora, a luta terminou. Três empregados estão mortos, enquanto os outros foram imobilizados pelos cangaceiros, que esperam, ao pé do alpendre, a volta de seu chefe.

Silvino surge, então, à porta principal, trazendo a moça, que, aos poucos, recupera a consciência e se põe de pé, muda, apavorada.

Silvino monta, apanha a japonesa do chão, coloca-a no cavalo, protegendo-a com o braço direito. Depois dá a ordem de partida, esporeia o animal e arranca. Todo o bando se afasta, em tropel que ecoa pelo vale.

Mais adiante, em meio à nuvem de poeira que os cavalos levantam, o bando desaparece na curva.

...

Chegando da viagem, horas mais tarde, Toshiro Koyashi depara com a cena trágica. Pedro da Graça, em pânico, vem contar o ocorrido. O japonês corre ao interior da casa. Sua mãe, assassinada pelo cangaceiro, está estendida numa cama. Ele nada diz, fechado em sua dor.

Depois Toshiro reúne os empregados, comunica sua decisão: vai partir, trazer de volta a mulher, de qualquer maneira, vingar

o sangue dos mortos.

Os homens oferecem-se para seguir a seu lado. Toshiro recusa, diz que precisam ficar para cuidar do gado, da lavoura, de suas famílias. Quer partir só, com seu ódio.

Resolve enterrar ali mesmo os mortos, num cemitério improvisado, junto ao pomar. Promete que mais tarde, quando retornar, dará sepultura digna a todos. Ele próprio abre uma cova, ao pé de uma árvore, e nela enterra a mãe, em silêncio crispante.

Manda, em seguida, que lhe tragam um cavalo forte, de viagem. Vai ao interior da casa, ajunta seus pertences, traz a velha canastra, que amarra nos arreios, na garupa do cavalo.

Aos homens que estranham sua partida, sem arma de fogo, só responde que "não está desprotegido".

Faz as últimas recomendações, entrega o comando ao capataz, despode-se. Depois monta, sai pela estrada, levando a estranha canastra que reverbera ao sol sertanejo.

Começa, então, uma longa, patética e obstinada perseguição de ódio e vingança. A partir deste momento, e até o desfecho de nossa história, a narrativa se biparte em ações paralelas que relatam a peregrinação de Toshiro e a aventura vivida por Aki-ta, prisioneira de Silvino e do bando de cangaceiros.

Ver-se-á, na ambivalência dramática da narrativa, a figura insólita do japonês, montado no cavalo, o chapéu de palha à cabeça, os pequenos olhos rasgados, fixos na distância. Na anca do animal, com suas incrustações de marfim e madrepérola, a urna japonesa refulge ao sol, marcando de exotismo o vulto que se desloca na paisagem agreste do nordeste.

Toshiro segue por estradas e caminhos poeirentos, por trilhas na caatinga, por matas fechadas, serras e montanhas. Chega a vilarejos e povoados miseráveis, descobre pistas, aprende a decifrar detalhes em caminhos, árvores e campos.

Algumas vezes sua estranha presença provoca a pilhéria da gente do povo. Mas o japonês não se perturba, mantém a calma imutável, sua vontade e determinação. Continúa para a frente, ganha novas estradas, rompe o sertão.

Quando a ação se transfere de Toshiro para o bando de Silvino, ver-se-á, então, uma paisagem humana diferente, também patética, mas de conteúdo diverso e inusitado. Entre os homens do cangaço, boçais, primitivos, prontos para matar e morrer, a figura de Akita aparece como extravagante detalhe de delicadeza e fragilidade.

Ela segue num cavalo baio, que destaca ainda mais a pureza de sua pele, o colorido de sua roupa. Silvino segue ao lado, como um protetor. Nunca a toca e, raramente, lhe fala. Limita-se a olhá-la, fascinado, com respeito, como num culto enigmático.

Uma única vez, quando o bando cavalga lentamente pelo chapadão, ele revela à japonesa a razão de seu sequestro:

- "Seu" Toshiro me mandou embora, como se eu fosse emprestável. Agora ele fica sem a senhora, para aprender a ter respeito.

Akita nada responde, fechada em seu mutismo. Obedece, calada, às ordens do raptor, submete-se a seu estranho capricho: às horas da noite, quando o bando repousa no acampamento, em lugar seguro, Silvino manda-a vestir o traje suntuoso que usava no dia seguinte à sua chegada.

Akita veste o quimono, vem postar-se diante do cangaceiro, humilde e indefesa. Silvino, com a cabeça apoiada sobre o selim, limita-se a olhá-la, longamente. Ninguém ousa quebrar o fascínio do chefe, interromper o culto anormal. Os cangaceiros ficam calados, sem compreender a cena quase irreal, que dura algum tempo.

Depois, com um gesto, Silvino manda-a se afastar. Akita guarda a indumentária, vai refugiar-se em sua barraca, enquanto a vida volta ao normal no acampamento.

Certa noite, quando o bando repousa, João Serafim, um cangaceiro magro, de barba rala, deixa seu canto e, às escondidas, vai espiar a japonesinha em sua tenda. Por um buraco, fica espiando a moça, que dorme desprevenida.

De repente, ferindo violentamente o silêncio, o grito do homem acorda o espaço. João Serafim se dobra, gemendo, tomba morto, enquanto Silvino limpa a faca, torna a guardá-la. Depois

arrasta o corpo para longe, volta para seu lugar.

Akita, que despertara em pânico, recolhe-se em seu canto, enquanto os homens do bando, comentando baixo o acontecido, voltam a sossegar.

Enquanto isso, léguas adiante, Toshiro Koyashi chega a um vilarejo perdido no sertão, aproxima-se de uma casa comercial, ainda aberta, indaga onde pode dormir.

O dono do comércio, homem gordo e calvo, surpreendido pela chegada do japonês, parece reconhecê-lo. Depois se lembra: Sebastião Rufino é seu primo, havia-lhe escrito uma carta, contando toda a desgraça do fazendeiro.

Um laço de simpatia aproxima os dois homens. Matias, êsse o nome do negociante, oferece um quarto em sua própria casa, nos fundos do estabelecimento. Chama a mulher, manda preparar comida. Depois ouve de Toshiro o relato de sua aventura, promete, em voz baixa, ajudá-lo a encontrar o bando de Silvino.

No dia seguinte, bem cedo, Toshiro parte de novo, ganhando um caminho tortuoso que sobe a serra.

...

Do lado dos cangaceiros, um fato importante irá transformar sua vida itinerante, modificando as relações de Silvino e a prisioneira.

Perto da fronteira com Pernambuco, em meio ao chapadão que o sol nordestino incendeia, um violento combate estala com soldados da capital.

O número e fúria dos "macacos" desnorteiam a estratégia dos jagunços. O bando é fendido, desarticulado, perdendo muitos homens. Vendo difícil a situação, Silvino dá ordem de debandar, cada qual se safando como puder, marcando-se reencontro para mais tarde, em lugar determinado.

O próprio Silvino, quando procura escapar, é atingido por um tiro, mas consegue montar e, seguido de Akita, foge dos soldados.

Mais adiante, porém, não resistindo ao esforço, des-

falece, tomba do cavalo.

Mais tarde, voltando a si, vê-se deitado na grama, num pequeno bosque, o cavalo a seu lado, preso num galho. Está só, cercado de silêncio. Compreende que Akita escapara, entregando-se aos soldados. Desesperado, tenta levantar-se, mas tontela, volta a deitar-se.

É quando começa a ouvir os passos de alguém que se aproxima. Abre os olhos, enxerga a japonesinha que traz uma cuia com água.

A moça vem sentar-se a seu lado, trata do ferimento, impassível, tímida e tranquila. A alma de Silvino se entenece, enche-se de amor e gratidão. Nada lhe fala, mas toma sua mão, carinhosamente, e a beija.

Enquanto isso, Toshiro Koyashi chega ao local da batalha, examina o terreno, descobre vestígios da fuga. Depois torna a montar, segue o caminho.

...

O bando de Silvino, dias mais tarde, se reagrupa, no lugar combinado: um pequeno sítio de gente amiga. Depois o próprio Silvino, acompanhado por Akita, chega ao retiro, onde, durante alguns dias, convalesce e repousa.

Em seguida, revigorado pela pausa, o bando parte, atravessa a fronteira e, mais adiante, invade um lugarejo de Pernambuco, para apanhar munição e alimentos. A povoação se rende, impotente. Silvino vai repousar numa pensão, enquanto seus homens se divertem com as poucas mulheres do prostíbulo.

O cangaceiro está deitado na cama tosca. Akita se aproxima, trazendo alguma coisa de comer. Antes que se afaste, Silvino a detém com a mão. Ela se volta, deixa-se puxar pelo homem.

Silvino, então, fremente de amor, toma-a em seus braços.

Fora da casa, no arruado humilde, só um mendigo caminha, pedindo esmola.

Avançando pela rua, a câmara deixa o vilarejo, vai

fixar ao fundo, escondido entre pedras e arbustos, a silhueta de Toshiro Koyashi, que espreita o lugar.

Ele vê quando os cangaceiros, pouco depois, se reagrupam e deixam a cidadezinha.

O japonês, em seguida, sem pressa, também monta, desce a colina, atravessa o povoado miserável.

...

A perseguição continua, com Toshiro seguindo de perto a coluna cangaceira.

O japonês, cautelosamente, espera o momento certo para atacar. Desloca-se como sombra, colado aos passos do inimigo.

Até que, certa noite, a perseguição obstinada parece chegar ao fim. O bando de Silvino arma acampamento no fundo de um grão, lugar seguro, cercado de vegetação espessa.

No valhacouto estão algumas mulheres, trazidas do vilarejo. Os cangaceiros bebem, divertem-se com as meretrizes, despreocupados.

Toshiro, oculto pelas árvores, observa o local. Então se decide.

Volta para junto do cavalo; retira a canastra, que deposita no chão. Com uma chave, que retira de um bolso, abre a urna japonesa.

Um tecido de veludo, descolorido pelo tempo, reveste o interior da relíquia, que é dividida em duas partes: uma menor, onde estão papéis, velhas fotos e documentos de família, e a maior, coberta por um velho traje japonês, que Toshiro retira cuidadosamente.

No fundo do baú aparece, sinistra, uma comprida espada samurai, o aço refulgindo ao luar.

O japonês, sem pressa, como numa liturgia, começa a trocar de roupa. Veste a velha indumentária desbotada, mas bem conservada pelos anos à-fora.

Surge agora um outro homem, estranho, transfigurado. Sob o luar da noite estival, aparece, imponente e fantasmal, a figura mitológica do samurai, estranhamente deslocado na paisagem brasileira.

Extravagante, quase irreal, alí se realiza a inesperada trasladação do mito guerreiro para a terra tropical. O ritual ganha carne e sangue, reata a lenda, transfigura o homem e o incorpora à nova realidade.

Toshiro Koyashi não é mais o fazendeiro. Transmuda-se na figura bélica e justiceira do oriente. Imperturbável, tenaz, o olhar determinado, está pronto para a luta de vida e morte.

Vai, como última providência, apanhar do fundo da canastra a espada que foi de seu ancestral, transmitida de geração em geração. Ele a prende na cintura. Depois avança alguns metros, torna a examinar o acampamento, de onde sobem vozes de homens e mulheres, sons de violas e sanfonas sertanejas.

De repente, de um salto enorme, de animal felino, o japonês cai no centro do acampamento, soltando o terrível brado de guerra, a espada em riste. Avança contra os cangaceiros estupefatos, que não têm tempo de apanhar as armas. Fere seu corpo, dilacera-os, lança-os ao chão, entre poças de sangue. As mulheres escapam, espavoridas.

Alguns conseguem apanhar as facas e fuzis. Antes que os utilizem, o japonês lhes cai em cima, como cão raivoso. O aço samurai golpeia o ar, sibila sinistramente, corta braços e pernas, troncos e pescoços. O sangue esguicha, os feridos soltam gritos lancinantes, vomitam imprecções, enquanto aquele vulto fantástico se desloca como raio mortífero, matando, decepando, frenético, alucinado.

Eis quando, de um canto, surge Silvino Meireles, atônito. Akita vem um pouco atrás. Ela empalidece quando reconhece, naquela figura de fogo, o próprio marido.

O chefe cangaceiro só tem tempo de apanhar, de um canto, um facão sertanejo, pesado, ponteagudo, com o qual avança contra o japonês, que o espera entre cadáveres.

Akita, de seu lugar, é a espectadora imóvel do duelo de morte que vai ferir-se.

Agora os dois caminham um contra o outro, espada contra facão, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

Os dois agora estão a poucos metros um do outro, olhando-se nos olhos, medindo forças, reprimindo seu ódio e sua fúria.

Duas raças se defrontam, medem sua bravura, vão decidir seu antagonismo.

De repente, as duas mãos sustendo a espada, Toshiro Royashi arremete para a frente, pronto para golpear. Mas Silvino, de um salto, evita o golpe, brande o facão, que vai chocar-se contra o aço japonês.

O combate estala, ecoa pelo vale, fere o silêncio da noite.

Perto dos dois, Akita é a presa intangível, por quem os homens se matam. Nada faz, impassível, numa terrível tranquilidade.

Eis quando Silvino, com um berro, é golpeado fundamentalmente no peito. Deixa cair o facão, curva-se, o sangue jorrando da ferida. Lancaléia, cai de joelhos, gemendo.

Toshiro vai dar o golpe final, quando estaca. É que vê Akita aproximar-se, quase correndo. A japonesinha também se ajoelha, ampara no colo a cabeça do cangaceiro, que está morrendo.

Toshiro compreende tudo, vai baixando a espada.

Antes de expirar, Silvino ainda contempla, com amor, o suave rosto de Akita, que espera. Depois o cangaceiro deixa tombar a cabeça no regaço de sua amante. E morre.

Akita nada faz, só afaga seus cabelos, como se emba-lasse uma criança. Depois, lentamente, levanta os olhos.

Toshiro, manchado de sangue, crava nela um olhar resclado de ódio e piedade, desalento e inutilidade. Depois se põe de joelhos, à maneira oriental, coloca a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se.

Fita a mulher, ainda uma vez. Um olhar profundo e estranho.

Depois, juntando as forças, enfia o aço no ventre, tomba para a frente, os olhos sempre fixos em Akita. E morre.

Diante dele, sempre afagando a cabeça do cangaceiro, Akita é a exótica imagem da impassividade. Seu ar é sereno, tranquilo, quase feliz.

Está no meio do vale, juncado de cadáveres. O silêncio, em sua volta, é enorme e penetrante.

A câmara começa, então, a subir. Vagarosamente se afasta daquele lugar, onde só uma mulher ainda vive, colorindo com sua vestimenta a paisagem noturna do sertão.

F I M

Rio de Janeiro, julho de 1972.

J. Carlos Santos Pereira
Geraldo Santos Pereira

Avenida Rainha Elizabeth, 601, ap.9

Tel. 247-2930